

A participação de teólogos não-católicos como observadores no Concílio Vaticano II

Participation of non-catholic theologians as observers at Council Vatican II

Jansen Racco Botelho de Melo

Resumo

O Papa João XXIII surpreendeu o mundo ao anunciar sua intenção em convocar um novo Concílio. No ano de 1962 seu intento ganhava vida e o Concílio tinha seu início. Por iniciativa ecumênica do Papa João XXIII foi criada a Secretaria para Unidade dos Cristãos liderada pelo Cardeal Augustin Bea, esta secretaria formou um grupo de teólogos não-católicos que auxiliariam nos trabalhos do Concílio. Foram chamados de *Observadores do Vaticano II*. Neste grupo havia teólogos das igrejas orientais, metodistas, luteranos, reformados, calvinistas, quakers, dentre outros. Dentre os não-católicos, destaque para o trabalho do luterano Oscar Cullmann que inclusive foi homenageado pelo Papa Paulo VI por seus serviços prestados e Karl Barth, convidado por João XXIII mas que infelizmente não pôde participar por problemas de saúde, porém, em 1966 Barth visitou o Vaticano e pôde se encontrar com Hans Küng, Joseph Ratzinger e com o próprio Paulo VI. Foi muito relevante o trabalho ecumênico do Concílio, especialmente através da Secretaria para a Unidade dos Cristãos e a importante contribuição dada pelos Observadores não-católicos, todo esse esforço representou avanços para o diálogo entre as diferentes igrejas e suas relações posteriormente.

Palavras-chave: Ecumenismo; Teólogos não-católicos; Diálogo; Observadores.



Abstract

Pope John XXIII surprised the world by announcing his intention to convene a new council. In 1962 his intent came alive and the council had its beginning. By ecumenical initiative of Pope John XXIII was created the Secretariat for Christian Unity Cardinal Augustin Bea led by this department formed a group of non-Catholic theologians who would assist in the work of the Council. They were called to the Vatican observers. In this group there were theologians of the Eastern Churches, Methodist, Lutheran, Reformed, Calvinist, Quaker, among others. Among non-Catholics, especially the work of the Lutheran Oscar Cullmann who also was honored by Pope Paul VI for his services and Karl Barth, invited by John XXIII but unfortunately was unable to attend due to health problems, however, in 1966 Barth He visited the Vatican and could meet Hans Küng, Ratzinger and the Paul VI himself. It was very important ecumenical work of the Council, especially through the Secretariat for Promoting Christian Unity and the important contribution made by non-Catholic observers, all this effort represented advances for dialogue between different churches and their relationship later.

Keywords: Ecumenism; Non-Catholic theologians; Dialogue; Observers.

Introdução

A expressão Ecumenismo originou-se da palavra grega *Oikouméne*, que significa literalmente *todo o mundo habitado*. Como movimento histórico-eclesial, o Ecumenismo começou a se organizar a partir de 1910 quando aconteceu a Conferência Missionária Mundial na cidade escocesa de Edimburgo. Esta conferência, nascida em berço protestante, foi um marco para o movimento, pois pela primeira vez o ideal ecumênico deixou de se basear em fusões denominacionais para se buscar ações em unidade das diversas igrejas respeitando suas particularidades.

A Conferência de Edimburgo foi idealizada pelo líder metodista John Mott (1865 – 1955). Sua preocupação era com as tarefas missionárias mundiais e que as diferentes igrejas protestantes somassem esforços em prol da obra missionária¹. A Conferência de Edimburgo abriu caminho para que outras iniciativas

¹ MELO, Jansen Racco Botelho de. *Uma questão de santidade – o engajamento político-social na vida e teologia de Karl Barth*. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2014, p. 104.

ecumênicas acontecessem, como as Reuniões de Estocolmo e Oxford nas décadas de 20 e 30 e a criação do Conselho Mundial Fé e Ordem em 1927. Ao se reunir em 1937 novamente na cidade de Edimburgo, o Conselho Mundial Fé e Ordem foi uma das correntes que deram início ao Conselho Mundial de Igrejas, o que viria a ser o principal órgão de atuação ecumênica.

O Movimento Ecumênico sofreu um revés quando o Papa Pio XI (1922 – 1939) em 1928 publicou a encíclica *Mortalium Animosum*, afirmando que a única igreja verdadeira era a igreja católica romana e que a única maneira de promover uma união entre os cristãos era que os dissidentes (protestantes e ortodoxos) se arrependessem e retornassem à única *igreja de Cristo*².

O Movimento Ecumênico, em suas primeiras gerações, teve um trabalho em prol da unidade e paz entre os cristãos, em que dois de seus principais nomes foram homenageados com o Prêmio Nobel da Paz: o Arcebispo luterano de Uppsala na Suécia Natham Soderblom (1866 – 1931), que venceu a edição de 1930, e o próprio metodista John Mott, ganhador do prêmio em 1946.

O grande momento do Ecumenismo no século XX certamente foi a Conferência de Amsterdã na Holanda do Conselho Mundial de Igrejas, sob a liderança do holandês Williem Visser't Hooft (1900 – 1985) em 1948, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. A primeira reunião aconteceu no dia 22 de agosto de 1948 e tinha como ideal a tentativa de dar respostas relevantes à sociedade que estava estarelecida com as consequências da guerra. Houve a participação de 107 igrejas diferentes de 47 nações³. O sermão de abertura desta seção foi feito pelo pastor metodista do Sri Lanka, D.T. Nilles (1908 – 1970) e, além dele, falaram no evento pensadores como o norte-americano Reinhold Niebuhr (1892 – 1971), o tcheco Joseph Hromádka (1889 – 1969) e do alemão Martin Niemöller (1892 – 1984) que foi perseguido e passou anos na prisão durante o nazismo.

Outra participação de destaque não apenas em Amsterdã, mas na causa ecumênica, foi do teólogo suíço Karl Barth (1886 – 1968). Barth foi um dos oradores e o principal elaborador da Confissão Teológica de Fé do encontro. Em seu discurso, Barth lamentou publicamente a ausência de Roma e Constantinopla ao evento, ou seja, de Católicos e Ortodoxos.

² Disponível em: <www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animosum_po.html>. Acesso em 19 de maio de 2015, às 11:23.

³ GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo – Vol. 10 a Era Inconclusa*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1998, p. 112.

Nos anos seguintes, o Conselho Mundial de Igrejas atraiu a participação dos ortodoxos. Posteriormente, graças aos esforços do teólogo dominicano Yves Congar (1904 – 1995) a mobilização ecumênica na Igreja Católica foi se tornando cada vez maior. Em sua obra, Congar deixou clara a importância do diálogo ecumênico, buscou aproximação com os protestantes ao afirmar que a Bíblia era a regra para a tradição e para a Igreja e, também buscou aproximação com os ortodoxos ao se utilizar de pensadores orientais como Atanásio e Basílio de Cesaréia em seus textos de pneumatologia.

Yves Congar foi um dos grandes artífices do Concílio Vaticano II e foi neste evento que o Ecumenismo alcançou seu ponto mais alto por parte da Igreja Católica.

O Concílio Vaticano II, surpreendentemente convocado pelo idoso Papa João XXIII (1958 – 1963), teve desde o seu nascedouro o ideal de incluir ao invés de excluir. Diferentemente do convite feito pelo Papa Pio IX (1846 – 1878), quando convocou o Concílio Vaticano I (1869 – 1870) para que os não-católicos retornassem à Igreja Católica, considerada a única e verdadeira Igreja de Cristo. O Vaticano II os convidou para somar esforços, um convite sem ar de superioridade, mas de aproximação e que pela primeira vez, desde o Cisma de 1054 e a Reforma Protestante de 1517, deixou de considerar ortodoxos de *cismáticos* e protestantes de *hereges*.

1. O início do Concílio Vaticano II e seus esforços ecumênicos

No dia 28 de outubro de 1958 o cardeal de Veneza, Angelo Roncalli, fora eleito papa. Todos imaginavam, por causa de sua já avançada idade, que ele faria um papado apenas de transição, mas não foi exatamente isso o que aconteceu: menos de três meses depois de sua eleição, João XXIII anunciou a intenção em convocar um novo Concílio. Este anúncio foi feito por ocasião do encerramento da semana de orações pela unidade das igrejas⁴. Tal convocação gerou bastante surpresa em toda a Igreja.

Poucos meses após o anúncio do Concílio, o teólogo Yves Congar, envolvido com questões ecumênicas, enfatizou a necessidade da abertura da Igreja em relação aos *outros*. Para Congar, era necessário que se reconhecesse a existência de *mundos espirituais* fora do ambiente católico romano⁵.

⁴ ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Editora Santuário, 2006, p. 17.

⁵ VELATI, Mauro. “Os Outros: ecumenismo e religiões”. In: *Revista Concilium – Vaticano II*,

Congar propunha não apenas o diálogo com outras denominações cristãs, como também com outras religiões, uma vez que havia a percepção de uma mudança significativa no panorama religioso mundial com a crise das denominações históricas e a expansão dos grupos pentecostais e comunidades autônomas que se expandiam pela África e América Latina⁶.

A partir desses esforços, o Concílio se abriria para essa questão importante. A percepção do outro não seria mais de acordo com a rigidez do direito canônico em considerar os outros cristãos como hereges ou cismáticos, mas a aceitação de um patrimônio espiritual cristão em comum, pelo reconhecimento de um legado religioso e sacramental comum.

Esses esforços de aproximação e diálogo foram abraçados pelo próprio Papa João XXIII. Sua iniciativa era de união entre as igrejas cristãs num processo de *cooperação* e não mais de um *retorno*. A partir dos trabalhos ecumênicos do Vaticano II, a Igreja Católica se abriu para participar do Conselho Mundial de Igrejas e de diálogos ecumênicos em geral.

Logo nos preparativos do Concílio, João XXIII formou o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que foi liderado pelo Cardeal Augustin Bea (1881 – 1968). Durante o Concílio este Secretariado não estudou apenas as questões relacionadas as outras Igrejas cristãs, mas também a questão do antissemitismo e do mundo árabe, uma dedicação bastante pertinente pouco tempo depois dos horrores do holocausto na Segunda Guerra e pelo fortalecimento do islamismo e do mundo árabe no Oriente Médio.

Entre os cristãos, o gesto de aproximação de João XXIII foi recebido como uma atitude fraterna, substituindo a antiga hostilidade que havia nessa relação. Uma data emblemática para tal empreendimento foi março de 1959 quando chega a Roma o representante do patriarca ortodoxo de Constantinopla junto ao Conselho Mundial das Igrejas, o metropolitano Iakovos de Malta, que foi recebido pelo papa João XXIII como o representante oficial do Patriarca Atenágoras I⁷. A partir das aproximações propostas por João XXIII e consequentemente pelo Concílio Vaticano II, as relações entre católicos e ortodoxos se tornaram mais próximas e fraternas, até que em 1965 numa celebração em Jerusalém, o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras I retiraram a mútua excomunhão decretada por Leão IX e Miguel I, que durava desde o Cisma de 1054. Tal gesto foi um marco nas aproximações ecumênicas entre essas tradições.

um futuro esquecido? Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 60.

⁶ Ibid, p. 61.

⁷ ALBERIGO, Giuseppe. *Op. cit.*, p. 27.

Diante da abertura gerada pelo Vaticano II, o Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, o pastor reformado holandês Willem Visser't Hooft, manifestou imediatamente o seu apoio ao gesto do papa em favor da unidade dos cristãos. Como a iniciativa e a abertura, àquela época, por parte da Igreja Católica era novidade houve certa preocupação de evitar que a igreja romana quisesse monopolizar a nova etapa ecumênica⁸.

Da parte da Igreja Anglicana também houve imediata manifestação à favor da atitude de João XXIII. Cantuária enviou um portador com uma carta do próprio arcebispo, que era um prelúdio da futura visita do próprio primaz anglicano que aconteceu em 1966, quando o arcebispo Michael Ramsey teve um encontro de três dias com o então papa Paulo VI, entre os dias 22 a 24 de março de 1966.

2. Os observadores não-católicos no Vaticano II

A iniciativa ecumênica de João XXIII não foi apenas teórica, mas prática. A aproximação com os não-católicos incluía a sua participação e atuação no Concílio. Um grupo de teólogos ortodoxos e protestantes seria convidado para colaborar teologicamente com os trabalhos a serem realizados, seriam os Observadores do Vaticano II.

A incumbência de preparar o convite para os Observadores do Concílio foi do Secretariado para a Unidade dos Cristãos e no próprio convite se estabeleciam os estatutos e papéis no evento: eles poderiam estar nas sessões públicas e das sessões gerais fechadas, nas quais se discutiriam os decretos do Concílio; não participariam das sessões das comissões salvo em casos particulares e com permissão especial. O Secretariado era o responsável pela mediação entre o Concílio e os Observadores para transmitir-lhes informações necessárias para melhor poderem acompanhar os trabalhos.

Foi criada uma comissão de 23 Observadores não-católicos. A Comunidade Anglicana, a Aliança Mundial Luterana, a Aliança Mundial da Igreja Reformada, A Igreja Presbiteriana e o Conselho Mundial Metodista foram representados com 3 Observadores cada. A International Congregation Council e a Associação Internacional para a Liberdade Religiosa, tiveram 2 representantes cada. Além de 1 representante da Igreja Evangélica Alemã, da Convenção Mundial das Igrejas de Cristo, os Quakers e o próprio representante do Conselho Mundial de Igrejas.

⁸ Ibid, p. 28.

Dentre os Observadores que trabalharam durante o Concílio destaca-se o teólogo franco-alemão Oscar Cullmann (1902 – 1999), idealizador do método histórico-salvífico. Anos antes do convite, Cullmann tinha lecionado em Roma onde conheceu vários estudiosos católicos romanos com os quais estabeleceu uma relação de diálogo e mútua cooperação. Por causa de sua aproximação com estudiosos católicos e seu engajamento ecumênico, Cullmann foi convidado para ser um Observador no Concílio e seu trabalho foi muito respeitado. Teve a confiança dos papas conciliares João XXIII e Paulo VI. Ao final do Concílio foi homenageado pelo Papa Paulo VI pelos serviços prestados e posteriormente foi recebido e também honrado pelo Papa João Paulo II.

Oscar Cullmann trouxe para a importância da história da salvação e contribuiu com a concepção escatológica do *jam et nondum*, ou seja, do já e ainda não⁹.

Anos mais tarde, Cullmann escreveu um livro intitulado *O Mistério da redenção na história*, e o dedicou ao Secretariado para Unidade dos Cristãos, em sinal de gratidão pelo convite e pelos anos de trabalho como Observador do Concílio. Esta obra também se trata de uma contribuição para o diálogo entre os cristãos das várias confissões. Logo após o Concílio, Cullmann foi convidado para ser membro do comitê fundador do Instituto Ecumênico Acadêmico de Jerusalém.

O teólogo de maior expressão a ter recebido o convite para ser Observador do Concílio foi o suíço Karl Barth. Na ocasião do convite, Barth já tinha idade avançada e já era um teólogo consagrado e uma mente dedicada às causas ecumênicas. Foi dele o lamento pela ausência da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa na reunião de Amsterdã do Conselho Mundial de Igrejas em 1948.

Uma vez que haveria um grupo de não-católicos trabalhando teologicamente no Concílio nada mais natural que Barth fosse um dos convidados. Infelizmente, Barth não pôde aceitar o convite para participar do Concílio, embora quisesse. Sua saúde estava um pouco fragilizada, foi um período de internações e procedimentos cirúrgicos em sua vida¹⁰. Certamente sua contribuição se faria sentida caso tivesse a possibilidade de participar do evento.

⁹ LIBANIO, João. *Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 54.

¹⁰ ALTMANN, Walter. *Dádiva e Louvor - Karl Barth artigos selecionados*. 2ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996, p. 6.

Mesmo distante do Concílio, Barth demonstrou muito interesse pelo que estava acontecendo em Roma naqueles anos. Em 1963, Barth publicou um artigo na revista *Ecumenical Review* baseado em correspondências que trocou com o Secretário do Conselho Mundial de Igrejas, Visser't Hooft, com o Cardeal Augustin Bea, responsável pelo Secretariado de Unidade dos Cristãos, e com o próprio Papa Paulo VI¹¹. Esses escritos eram incentivos à causa ecumênica de diálogo e aproximação. Para Barth o Vaticano II representava um *sopro do Espírito sobre a igreja*.

O Concílio Vaticano II exerceu um grande fascínio no pensamento *barthiano*, o teólogo passou a ter um interesse ainda maior na teologia católico-romana, especialmente os textos produzidos acerca das questões ecumênicas e das questões de justiça social e pobreza¹².

Em meados de 1966, quando Barth havia se recuperado dos problemas que teve de saúde e mesmo já com 80 anos de idade, o teólogo fez uma visita à Roma acompanhado de sua esposa e de seu médico, que por sinal era católico. O Concílio já estava encerrado a essa altura, mas isso não impediu que Barth tivesse encontros produtivos com pensadores católicos como Hans Kung, Karl Rahner e Joseph Ratzinger (Papa Emérito Bento XVI). Nesta mesma viagem, Barth pôde se encontrar e conversar com o próprio Papa Paulo VI em 26 de setembro de 1966. Na conversa, puderam falar sobre o papel de Maria na Igreja, sobre a questão ecumênica e sobre o novo termo dado pelo Concílio a se referir aos protestantes: *irmãos separados*. Embora Barth quisesse mais que irmãos separados, o termo representou um grande avanço nas relações entre católicos e protestantes.

Ao final da conversa, Barth e Paulo VI trocaram presentes. Barth recebeu uma cópia do *Codex Vaticanum* e deu ao papa textos de sua autoria com a dedicatória *Do irmão separado Karl Barth no comum serviço do único Senhor (...) ao bispo Paulo VI humilíssimo servo de Deus*¹³.

Depois da viagem Barth produziu diversos textos sobre decisões conciliares como a questão mariana, assuntos relacionados às Escrituras, a autoridade do magistério eclesiástico e a relação da igreja no mundo contemporâneo. Em 1967, por ocasião do aniversário de 70 anos de Paulo VI, Barth enviou-lhe

¹¹ Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/noticias/508470-karl-barth-e-as-esperancas-do-concilio>. Acesso em 23 de junho de 2014, às 16:51.

¹² MELO, Jansen Racco Botelho de., *Op. cit.*, p. 109.

¹³ Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/noticias/508470-karl-barth-e-as-esperancas-do-concilio>. Acesso em 23 de junho de 2014, às 16:51.

uma carta de felicitações. Paulo VI o respondeu posteriormente, considerando-o um *estimadíssimo professor que buscava corajosamente a verdade e que trazia muito em seu coração o pensamento da comunhão fraterna em Cristo*¹⁴.

No final de sua vida, Karl Barth frequentava um domingo as celebrações protestantes e em outro domingo as missas católicas¹⁵. Barth faleceu em 1968, aos 82 anos de idade, em seu funeral houve uma celebração ecumênica onde participaram, dentre outros, Visser't Hooft pelo Conselho Mundial de Igrejas e Hans Kung que falou em nome da Igreja Católica Romana. Ainda hoje o legado teológico de Barth é muito estimado e respeitado pelos teólogos católicos.

3. Resultados ecumênicos do Concílio e a influência dos não-católicos

O documento mais significativo do Concílio sobre a relação entre a Igreja Católica e as outras denominações cristãs foi a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). Em seu capítulo 2 a Constituição fala sobre o Povo de Deus e reconhece os cristãos não-católicos como que honram a Sagrada Escritura tendo-a como norma de fé e de vida, demonstram sinceridade em seu zelo religioso, creem com amor na Santíssima Trindade, celebram a eucaristia. Algumas comunidades mantêm certos sacramentos e possuem um episcopado e cultivam piedade para com a Virgem Maria Mãe de Deus. Admite que o Espírito Santo também os santifica e que a Igreja Católica reza, espera e age para que haja um só rebanho com um só pastor¹⁶.

Ainda na *Lumen Gentium* o texto abre mão da antiga definição que via a Igreja Católica como a única e verdadeira Igreja de Cristo para a definição de que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica, mas há outras comunidades religiosas que se encontram dons, valores, graças evangélicas¹⁷.

No dia 21 de novembro de 1964 foram decretados dois documentos que expressam valores ecumênicos. O primeiro *Orientalium Ecclesiarum* (OE), trata sobre as Igrejas Ortodoxas Orientais. O texto fala do Oriente em clima de compreensão e reconhecimento de sua herança espiritual e ministerial. Estima a riqueza das instituições, dos ritos litúrgicos e as tradições eclesiásticas¹⁸.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. "Por uma antropologia teológica ecumênica". In: ROCHA, Alessandro (org.). *Ecumenismo para o Século XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 83.

¹⁶ VIER, Frederico (org.). *Compêndio do Vaticano II*. 29ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 56.

¹⁷ JOSAPHAT, Carlos. *Vaticano II: a igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013, p. 261.

¹⁸ JOSAPHAT, Carlos. *Op. cit.*, p. 258.

O segundo documento foi *Unitatis Redintegratio (UR)*, que aborda a questão ecumênica em si. O texto afirma a preocupação de promover a restauração da unidade entre todos os cristãos. Afirma que a Igreja de Cristo é uma só e única, e que a desunião e disputas entre os cristãos de diferentes tradições representa um testemunho ruim para o mundo. O documento se subdivide em três partes: a primeira é doutrinal e apresenta os princípios católicos do ecumenismo, a segunda parte expõe aspectos práticos de exercício do ecumenismo e a terceira e última parte lida com as Igrejas e comunidades eclesiais separadas da Sé Apostólica Romana¹⁹.

No mesmo documento, mais especificamente na parte que fala sobre o exercício do ecumenismo, é expresso que a vivência de uma atitude ecumênica está no convívio em amor, na promoção do bem, da justiça, para melhor se entender uns aos outros e crescer juntos no conhecimento²⁰.

O Concílio adotou uma postura pastoral, que dava primazia à verdade como vida, como vida que busca a verdade e adere a ela na liberdade, sendo ajudada com ternura. O Concílio pede uma conversão em relação a posturas de intolerância, que muitas vezes foi praticada pela própria Igreja Católica. Uma conversão que seria intelectual, cultural mas sobretudo espiritual e teológica.

Na declaração *Nostra Aetate*, de 1965, o Secretariado para Unidade dos Cristãos apresentou ao Concílio um documento tratando do relacionamento dos católicos com os não-cristãos, especialmente os judeus. O texto afirmou que as religiões com o desenvolvimento da cultura à qual está ligada, fazem o possível por responder às questões e acontecimentos da vida humana. O documento segue falando sobre os muçulmanos, enfatiza a questão dos judeus, reconhecendo o grande patrimônio espiritual comum entre os cristãos e os judeus e encerra afirmando sobre a fraternidade universal sem qualquer discriminação.

Além desses textos poderíamos citar *Dignitatis Humanae*, de 1965 que era uma declaração sobre a liberdade religiosa. O documento *Ad Gentes*, também de 1965 que é um decreto sobre a atividade missionária da igreja e, de certa forma, o documento *Inter Mirifica*, ainda de 1963 que visa os meios de comunicação social²¹.

O Concílio Vaticano II, como proposto por João XXIII, foi uma abertura da Igreja para o mundo do século XX, e a questão ecumênica representa esta proposta de abertura e tolerância em relação ao outro, de modo a incluir e não

¹⁹ Ibid, p. 260.

²⁰ Ibid, p. 262.

²¹ Ibid, p. 257.

de excluir. É óbvio que uma abertura dessa magnitude gerou reações das mais diversas: por parte dos tradicionalistas houve repulsa dos avanços ecumênicos promovidos pelo Concílio. Muitos viram na participação dos não-católicos uma deturpação do conteúdo que deveria ter sido expresso pelo Concílio, mas o passo em direção à tolerância e a aceitação já tinha sido dado.

Por outro lado, estudiosos católicos do Vaticano II vêm na influência dos pensadores não-católicos, sobretudo protestantes, uma colaboração bastante salutar ao andamento da teologia produzida pelo Concílio, por exemplo: a citação que textos conciliares fazem sobre o Sacerdócio Comum dos crentes, uma reflexão nova para a Igreja Católica, mas que já fazia parte do pensamento protestante desde a Reforma Luterana no século XVI. Mesmo nos teólogos protestantes do século XIX e XX houve grandes contribuições neste sentido, por exemplo: o teólogo João Batista Libânio nos diz que a teologia protestante dialogou mais com a modernidade que a teologia católica. Paul Tillich teria recuperado a dimensão do profundo, Karl Barth teria resgatado a centralidade da Palavra de Deus na teologia, Rudolf Bultmann preocupou-se com a pregação promovendo a demitologização. Oscar Cullmann (como já falado) contribuiu com a concepção escatológica do já é ainda não e, mesmo a teologia ortodoxa oriental contribuiu com um toque de mistério, na busca pela espiritualidade²².

4. Consequências ecumênicas do Vaticano II

Com toda certeza esta abertura proposta pelo Vaticano II não só possibilitou a influência do pensamento protestante na teologia católica como também possibilitou a influência da teologia católica no mundo protestante, uma vez que o Concílio representou uma profunda mudança no modo com que a Igreja Católica se relacionava com o mundo e com os não-católicos.

O Concílio nos deixou um grande e valioso legado na questão ecumênica, embora essa questão tenha enfrentado (e ainda enfrenta) resistências ao longo dos anos de ambos os lados. Resistência por parte de católicos conservadores e reacionários, resistência especialmente no Brasil por parte de protestantes de herança fundamentalistas e anti-católicas.

No Brasil no ano 2000, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou o ecumenismo como a bandeira da Campanha da Fraternidade

²² LIBANIO, João. *Op. cit.*, p. 54.

daquele ano, sob o tema: *Novo milênio sem exclusões – Dignidade humana e paz*. Esta campanha da fraternidade quis promover no Brasil esforços de unidade entre os católicos e os não-católicos, sobretudo os protestantes, com o objetivo de unir as igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de uma vida digna para todos, na denúncia das ameaças à dignidade humana e no anúncio do Evangelho da paz. A campanha da fraternidade do ano 2000 só se fez possível por causa das aproximações proporcionadas pelo Concílio Vaticano II, gerando um melhor relacionamento entre católicos e protestantes no Brasil.

Conclusão

Jesus orou ao Pai pedindo que os discípulos fossem aqui na Terra um único povo. Os esforços ecumênicos ao longo da história tem representado um importante estímulo à dignidade do indivíduo e ao testemunho cristão. Ainda que nem sempre esta proposta seja bem compreendida e até mesmo aceita, faz-se necessário que cristãos de todas as tradições e heranças teológicas se empenhem para tornar esses esforços possíveis.

O Concílio Vaticano II foi um passo muito importante nesse processo. A partir dele a igreja pôde se abrir para melhor enfrentar as situações desafiadoras que o mundo contemporâneo lhe impunha, a igreja teve de repensar a sua própria missão, seu relacionamento com o mundo, com os não cristãos e com os cristãos não católicos, o que se constituiu uma mudança de paradigma muito expressiva.

De fato, o relacionamento entre católicos e não católicos (protestantes e ortodoxos orientais) mudou muito a partir do Concílio, as acusações deram lugar a aceitação e as críticas deram lugar às tentativas para um bom relacionamento entre ambos. Ainda há muito o que caminhar, especialmente no Brasil onde as tradições católicas e protestantes ainda são muito reféns de cunhos conservadores e fundamentalistas, mas por outro lado, muito já foi caminhado: hoje no Brasil várias igrejas se relacionam entre si sem problemas maiores, colaborando umas com as outras pelo bem comum. Muitos teólogos promovem espaços de reflexão e produção em comum.

A aceitação e a inclusão serão os mais eficazes métodos de testemunho cristão no momento em que estamos vivendo.

Referências bibliográficas

- ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Editora Santuário, 2006.
- ALTMANN, Walter. *Dádiva e Louvor - Karl Barth artigos selecionados*. 2ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996.
- GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo – Vol. 10 a Era Inconclusa*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1998.
- JOSAPHAT, Carlos. *Vaticano II: a igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.
- LIBANIO, João. *Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- MELO, Jansen Racco Botelho de. *Uma questão de santidade – o engajamento político-social na vida e teologia de Karl Barth*. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2014.
- SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. “Por uma antropologia teológica ecumênica”. In: ROCHA, Alessandro (org.). *Ecumenismo para o Século XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- VELATI, Mauro. “Os Outros: ecumenismo e religiões”. In: *Revista Concilium – Vaticano II, um futuro esquecido?* Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- VIER, Frederico (org.). *Compêndio do Vaticano II*. 29ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Jansen Racco Botelho de Melo

Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio
Professor do Seminário Teológico Batista de Duque de Caxias
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: jansenracco@hotmail.com

Recebida em: 15/06/15

Aprovada em: 23/06/15